

O DESEJO DO ANALISTA E A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

*Teresinha Costa**

RESUMO:

O presente artigo é uma reflexão sobre o desejo do analista na clínica psicanalítica com crianças, entendendo-se como desejo do psicanalista um dispositivo da transferência, elemento central da direção do tratamento e do final de análise. O desejo do analista é aquele “desejo prevenido”, que não visa a felicidade, aquilo que os analisandos demandam para si. Em conformidade com a ética da psicanálise, descrita por Freud em *O mal estar na cultura*, e por Lacan em *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, é preciso ir além dos sintomas, pela via da fantasia. A felicidade supõe a existência do Bem Supremo, mas o analista sabe que não possui esse Bem, e sabe também que esse Bem não existe. A partir dessas reflexões, este artigo discute se haveria uma especificidade da função desejo do analista na clínica psicanalítica com crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Desejo do analista. Direção do tratamento. Final de análise. Ética. Psicanálise com crianças

* Teresinha Costa. Psicóloga, psicanalista, mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela UERJ, membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. É autora do livro *Psicanálise com crianças* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, 2ª ed.). End: Rua Domingos Ferreira, 92 apto° 1104 - Copacabana, Rio de Janeiro. CEP: 22050-010. Tel: (21) 8878- 9855 e (21) 2548-2972. E-mail: teresinhacosta@corpofreudiano.com.br.

A clínica psicanalítica com crianças, muito mais que a clínica com adultos, faz com que nos interroguemos constantemente sobre o nosso lugar de analistas, não pelo fato de tratar-se de uma especialidade em nossa formação, mas por uma especificidade de nossa prática clínica com este sujeito que se encontra ainda em vias de constituição.

Muito já se falou sobre os trabalhos das primeiras psicanalistas que se dedicaram a esta clínica, sobre as convergências e divergências entre os teóricos da psicanálise com crianças e que foram responsáveis por um retrocesso da psicanálise, tais como os teóricos da *psicologia do ego* e da *relação de objeto*, que tiveram, respectivamente, em Anna Freud e Melanie Klein suas pioneiras. Em meu livro *Psicanálise com crianças*, destaquei as principais contribuições de ambas para a clínica psicanalítica com crianças, fiz uma introdução ao pensamento de Winnicott e Françoise Dolto. Procurei demonstrar, a partir dos estudos de Lacan, que na abordagem *geneticista dos psicanalistas do eu*, o analista se situa, no manejo da transferência, como aquele que detém um saber, cabendo a ele decidir o que é melhor para a criança. Os analistas da *relação de objeto* privilegiam os aspectos imaginários da fantasia inconsciente, considerando o analista como fazendo parte dela. Lacan vai insistir na função do Simbólico no tratamento, visando com isso destruir a ilusão de reciprocidade. Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, afirma que caberia “formular uma ética” que integrasse “as conquistas freudianas sobre o desejo: para colocar em seu vértice a questão do desejo do analista”. Este desejo, que é correlativo de uma ética, não aponta para uma terapêutica ou uma técnica, mas para o ser do sujeito, ou melhor, para a sua falta-a-ser.

Ao levar em conta o desejo inconsciente, a psicanálise propõe uma ética que se formula em princípios que não são universais e, sim estritamente singulares, visto que a radicalidade do inconsciente faz com que a ética psicanalítica seja irreduzível à de qualquer outro campo do saber. Nesses termos, a ética da psicanálise segue a orientação de cada sujeito

em sua análise não em referência a outros ou ao que a cultura espera dele, e sim segundo o que ele próprio é em seu desejo inconsciente. Isso sugere que a ação do sujeito porta um sentido oculto, ou seja, recalcado, que concerne à verdade do desejo.

A partir dessas considerações teóricas, apresentarei algumas reflexões sobre o lugar do analista, ou melhor, sobre o *desejo do analista* na clínica psicanalítica com crianças. A questão do desejo do analista não é uma questão simples, pois entende-se como desejo do psicanalista um dispositivo da transferência, elemento central da direção do tratamento e final de análise. Refletir sobre esta questão me pareceu bastante pertinente por considerar que este é o terreno mais suscetível aos desvios, o mais propício a subsumir-se aos ideais da cultura – já abordado por Freud em *O mal-estar na cultura* – e, portanto, um terreno fértil para reduzir a psicanálise a uma terapêutica onde o que se perde é a orientação para o Real.

A entrada em análise se dá pelo endereçamento do sintoma ao analista sob a forma de uma demanda. Devemos precisar que, desde Freud, o sintoma não coincide exatamente com aquilo de que o sujeito se queixa. Se o sintoma remete à questão da estrutura, aponta para a verdade do sujeito, cabe perguntar: para onde apontariam os variados sintomas das crianças que chegam hoje aos nossos consultórios? De que sofrem as crianças? Ou, por outra, quem sofre com o sofrimento infantil?

É importante observar que atualmente somos procurados por um grande número de pais que estranham porque seus filhos não desejam nada, tudo perde a graça facilmente, nada tem valor. E é comum perguntarem: Mas afinal, se ele tem de tudo, por que não é feliz?

Segundo o discurso social vigente, cabe às crianças de hoje serem felizes e elas nos são trazidas para que as auxiliemos a alcançar este gozo almejado. Se a entrada em análise se dá pela demanda do analisando de se livrar do seu sofrimento e restaurar uma suposta felicidade perdida, o que faz o analista frente a esta demanda de felicidade?

A direção do tratamento bem como o final de análise dependem do destino que o analista dá a demanda do analisando. Isso traz à baila duas questões interligadas: o *desejo do analista* e aquilo que ele pode ou não prometer em termos da demanda de felicidade, ou seja, se há uma técnica que possa ser empregada para o sujeito alcançar a felicidade. Antes de tudo, é preciso assinalar que a psicanálise não é uma técnica para produzir felicidade, uma vez que a ética que é a diretriz do ato do analista, não pode ter como suporte qualquer elo referido ao *Bem Supremo* platônico.

Se a prática psicanalítica tem por princípio uma ética do desejo, ela, necessariamente, não propõe ao sujeito o Bem, pois aquilo de que se trata é de poder implicá-lo na via do desejo e da falta inerente a ele.

A oposição entre pulsões de vida e pulsão de morte, introduzida por Freud em 1920, no ensaio sobre o *Mais além do princípio de prazer*, retorna em 1923 em *O mal estar na cultura*, em suas reflexões sobre a relação do homem com o bem.

Em *O mal estar na cultura*, Freud inicia dizendo que o propósito da vida para os homens é, sem dúvida, a felicidade. No entanto, esta meta pode ser alcançada, ora através da evitação do desprazer e do sofrimento, ora pela obtenção de intensos sentimentos de prazer. A felicidade, em seu sentido mais restrito, provém da satisfação de necessidades altamente represadas sendo, portanto, constituída por manifestações episódicas. Assim, enquanto as oportunidades de felicidade são limitadas por nossa própria constituição, o mesmo não ocorre quanto às chances do indivíduo de experimentar a infelicidade, que pode se originar do próprio corpo condenado à decadência, do mundo externo com seu poder destrutivo e das próprias relações entre os homens.

Diante de tantas possibilidades de sofrimento, os homens diminuem suas pretensões à felicidade, substituindo o princípio de prazer pelo princípio de realidade. A felicidade torna-se, então, um problema essencialmente ligado à economia da libido e, sobre

esse ponto, não existe um conselho válido para todos, cada sujeito tem que encontrar seu modo particular de lidar com os limites que lhe são impostos, como também de buscar as maneiras de ser feliz.

Dentre as alternativas que o sujeito encontra para lidar com o sofrimento e o desprazer proveniente do mundo externo e do organismo, Freud cita alguns expedientes, dentre outros, o afastamento do indivíduo do mundo externo e a utilização de substâncias tóxicas. No que se refere às pressões provenientes do mundo interno, Freud destaca o deslocamento da libido do aparelho psíquico, ou seja, a capacidade que alguns homens têm de “trasladar las metas pulsionales de tal suerte que no puedan ser alcanzadas por la denegación del mundo exterior. Para ello, la sublimación de las pulsiones presta su auxilio.” (Freud, 1930, p. 98) A sublimação da libido, seja no campo da arte ou no campo do trabalho intelectual, permite ao sujeito obter prazer ao mesmo tempo que lhe concede uma certa autonomia do mundo externo. No entanto, Freud também coloca uma restrição a esse tipo de método para evitar o sofrimento, na medida em que ele é acessível a poucas pessoas, exigindo dotes e disposições especiais. Além dessas satisfações substitutivas, outras técnicas de viver podem proporcionar ao sujeito uma satisfação que o fazem “aspirar a independizar del - “destino” - es el mejor nombre que podemos darle- y, con tal propósito, sitúa la satisfacción en procesos anímicos internos; para ello se vale de la ya mencionada desplazabilidad de la libido”. (Ibid., p. 101)

Esta modalidade de vida está relacionada com os casos daqueles sujeitos que fazem do amor o centro de tudo, buscando a satisfação em amar e ser amado. Outra modalidade a que Freud se refere é a própria neurose.

Freud observa que é evidente o caráter inevitável do sofrimento. As contingências do corpo e da natureza independem da vontade dos homens, mas os sofrimentos ocasionados pelos relacionamentos sociais parecem-lhe, a princípio, uma contradição. Isso

porque as regras e normas estabelecidas pelos homens visando um convívio salutar acabam sendo fonte de sofrimento e se mostrando inapropriadas à felicidade. As instituições criadas pelo próprio homem não cumprem a função de propiciar o bem estar.

O que está aí em jogo é a própria constituição psíquica do sujeito. Portanto, a obediência às leis impõe restrições às possibilidades de satisfação, criando um tensionamento constante entre o sujeito e a cultura.

Entretanto, embora a cultura exerça uma função restritiva à sexualidade, Freud estima, contudo, que a cultura poderia não ser a única responsável pela degeneração da sexualidade humana. Freud afirma que “muchas veces uno cree discernir que no es sólo la presión de la cultura, sino algo que está en la esencia de la función misma, lo que nos deniega la satisfacción plena y nos esfuerza por otros caminos”. (Ibid., p. 126) Outra fonte de perturbação nos relacionamentos eróticos provém da inclinação para a agressão que, erguendo os indivíduos uns contra os outros, representa uma ameaça para toda a comunidade. Nesse sentido, Freud afirma que:

la cultura tiene que movilizarlo todo para poner límites a las pulsiones agresivas de los seres humanos, para sofrenar mediante formaciones psíquicas reactivas sus exteriorizaciones. De ahí el recurso a métodos destinados a impulsarlos hacia identificaciones y vínculos amorosos de meta inhibida; de ahí la limitación de la vida sexual y de ahí, también, el mandamiento ideal de amar al prójimo como a sí mismo.

Assim, se a cultura exige do sujeito o sacrifício tanto das tendências sexuais como das tendências agressivas, não nos espanta que ele não possa ser feliz. As tendências agressivas são manifestações da pulsão de morte que são dirigidas para o exterior. É nesse ponto que Freud faz uma virada em relação às concepções que até então defendia: a cultura

não é mais considerada como o inimigo principal da sexualidade, mas é considerada como colaboradora de Eros. Como afirma Lacan (2003, p. 362) em *Outros escritos*, “toda formação humana tem, por essência, e não por acaso, de refrear o gozo; [...] o princípio de prazer é o freio do gozo”. Enquanto Eros atua no sentido de reforçar os laços entre os indivíduos, promovendo uma indiferenciação através da identificação, a pulsão de morte atua no sentido oposto, promovendo uma disjunção dessas unidades e subvertendo a força conservadora de Eros. Rinaldi (1997) assinala que:

a pulsão de morte, como potência destrutiva, ao colocar esses laços em causa, atua também como força criadora e produtora de diferenças. Esta é a interpretação que Lacan dá à destrutividade freudiana. Ela aponta para *das Ding*, a *Coisa*, esse nada que impulsiona o desejo, esse “mais além do princípio de prazer.

O que Lacan vai enfatizar em *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, é menos o sentido destrutivo da pulsão de morte e, muito mais, a sua potência criadora, ou seja, “vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar” (1988, p. 260).

O que podemos depreender do artigo de Freud, *O mal estar na cultura*, é que a harmonia psíquica é um estado totalmente estranho à condição humana e o mal estar é inerente a sua própria constituição subjetiva, razão pela qual o analista não pode prometer a felicidade como o equivalente a um estado de gozo. Além do princípio de prazer, nos diz Freud, há o trauma, o inominável que se repete sempre no mesmo lugar, não integra a cadeia associativa. Para Lacan, isso é do registro do Real, excluído do inconsciente, onde se perfila o objeto *a* como resto, pedaço do corpo que se separa quando da constituição do sujeito, “restos que escapam ao domínio da simbolização”. (Fink, 1988, p. 120)

A ética da psicanálise deve dar a esse objeto – objeto *a* - um lugar de especial relevo, de tal forma que ele possa funcionar como o agente de toda operação analítica. Deve considerar também, a posição do analista como motor do tratamento, que, ao sustentar a causa do desejo operando do lugar do objeto, reanima o preceito de uma ética do bem dizer.

Se não há clínica sem ética, pode-se então, afirmar, com Lacan, que a clínica se sustenta na função *desejo do analista*.

Se a função desejo do analista faz a marca da psicanálise na direção do tratamento, pela colocação do desejo do analisando em jogo, pergunta-se: Qual é a ética desse desejo? É a da felicidade, ou da suspensão dos sintomas? É isso que os analisandos nos demandam, mas em conformidade com a ética da psicanálise que Freud escreveu em *O mal estar na cultura*, e Lacan, em *O Seminário, livro 7, A ética da psicanálise*, teremos que ir além dos sintomas, pela via da fantasia. A felicidade supõe a questão do *Bem Supremo*. O analista sabe que não possui esse Bem, e sabe também que esse Bem não existe, já que, no seu final de análise, se deparou com o limite onde se coloca a questão do desejo.

O que é o desejo do analista?

O desejo do analista é aquele “desejo prevenido”, é aquele que não se engana em ter como objetivo de uma análise a felicidade do paciente. O desejo do analista não pode ser concebido como um desejo pessoal do analista, mas como uma função, ou seja, “desejo de que haja análise e que, portanto, surja desejo”. (Rinaldi, 1997, p. 36) Em outros termos, é ao colocar entre parênteses o seu desejo pessoal, em lugar de funcionar privilegiando seus interesses, o analista deverá emprestar-se como *objeto causa de desejo* para o analisando, “suspendendo, o quanto lhe seja possível, seu próprio funcionamento como sujeito”. (Maurano, 2006, p. 64)

Assim, o desejo do analista não se refere àquilo que o analista quer de seu analisando. Se isso ocorresse, o analista inverteria os papéis e, ao invés de se colocar como

causa, estaria como eu e seu analisando como objeto, concretizando o eixo imaginário *a-a'*. Laurence Bataille aponta essa relação imaginária, onde o eu do analista entra em cena em detrimento do desejo do analista, quando afirma:

Cada vez que atribuo uma intenção ao paciente, um pensamento que ele não diz, estou fora da posição de analista. Cada vez que me sinto visada como sujeito pelo paciente, estou fora da posição do analista. Cada vez que tenho vontade de representar algo para o paciente, nem que seja representar um analista, estou fora da posição do analista. A cada vez isto deve prevenir-me de que não é meu desejo de analista que está em jogo.

Lacan vai insistir na função do simbólico no tratamento, visando destruir a ilusão de reciprocidade, ou seja, entre o analista e o analisando se interpõe o Outro como lugar da palavra, isto é, do significante. Ele revelou de maneira clara a diferença entre o desejo do analista e o desejo de ser analista. Quando o desejo de ser analista comparece numa análise constitui uma resistência do analista onde o que se manifesta é o desejo de se colocar no lugar do mestre, lugar de saber, obturando a possibilidade de aparecimento do desejo do sujeito. Desde os primórdios da psicanálise, quando Freud abandonou a técnica da hipnose e da sugestão para privilegiar a escuta de suas pacientes histéricas, o que de fato ocorreu foi a passagem da posição do mestre para a posição do analista, que também é “a passagem da posição de compreensão para a posição de interpretação, (ou seja), passagem da postura de sujeito que sabe, [...] à do sujeito suposto saber”. (Jorge, 1988, p. 47)

Assim, se a entrada na análise se dá pela instauração da transferência, através de uma suposição de saber ao analista, não é desse lugar que ele deverá responder. A experiência analítica promove uma queda da ilusão de saber, pois estando o saber relacionado

com o desejo, esse saber é, necessariamente, marcado por uma falta, ou seja, ele não se constitui como uma totalização, como um saber absoluto.

O saber de que se trata na experiência analítica é o saber inconsciente, que vai ser elaborado dentro da relação transferencial. Coutinho Jorge, retomando Lacan, afirma que:

o discurso psicanalítico renovou a questão do saber colocada por Descartes, pois ‘a análise veio nos anunciar que há saber que não se sabe, um saber que se baseia no significante como tal’. Considerando *o inconsciente como um saber*, Lacan afirma que o ato falho é, com efeito, um ato bem sucedido, posto que através dele a verdade do sujeito se desvela ainda que à revelia do eu.

Quando o sujeito se engaja na procura de sua verdade ele se põe de saída numa posição de ignorância, pois supõe que sua verdade esteja constituída no analista. No entanto, não cabe ao analista identificar-se com esse lugar de sujeito suposto saber. Lacan diz que a posição do analista não é a de saber, nem tampouco de compreender o paciente. O lugar do analista é o lugar da ignorância, mas de uma ignorância douta, o que é definido como “um saber mais elevado e que consiste em conhecer seus limites”. (Quinet, 1991, p. 31)

Mas, o analista, ao aceitar ser depositário desse sujeito suposto saber enquanto efetua o trabalho de análise, porém sem a ele se aderir, permite que o lugar da verdade do analisando apareça. O saber do lado do analista não é nunca um saber sobre o paciente, mas apenas um *savoir-faire*, adquirido na escuta de seus analisandos e na escuta de seu próprio inconsciente adquirido em sua análise pessoal.

Rinaldi afirma que:

enquanto a noção de *sujeito suposto saber* permite pensar a entrada em análise, como instauração da transferência, é o *desejo do analista*

que, para Lacan, regula o desenvolvimento e a saída da análise. [...] Se a transferência, ao colocar em jogo o *sujeito suposto saber*, implica um processo de identificação ao nível do ideal do eu, de onde o sujeito se sente amado, o *desejo do analista* tende para o sentido contrário, permitindo que o plano da identificação seja atravessado. É ele que, numa análise, possibilita a manutenção da distância entre este ponto de identificação idealizante (I) e o ponto de onde o sujeito se sente causado como desejante (*a*). (Rinaldi, 1997).

O desejo do analista está marcado pela psicanálise, resto da análise do próprio analista que ao final dela sobrou como objeto, objeto *a*. Deduz-se então, que a função desejo do analista é uma função que o coloca como objeto *a*, causa de desejo, e faz o analisando trabalhar. É o que afirma Lacan em *O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*: “a posição do psicanalista [...] é feita substancialmente do objeto *a*”. (Lacan, 1988, p. 40) E, nesse mesmo seminário, ao lançar a pergunta “o que define o analista”?

[afirma] Análise. O que se espera de um psicanalista é [...] que faça funcionar seu saber em termos de verdade. É por isto mesmo que ele se confirma em um semi-dizer. [...] É ao analista, e a ele somente, que se endereça essa fórmula que tantas vezes comentei, *Wo es war, soll Ich werden*. [...] É lá onde estava o mais-de-gozar, o gozar do outro, que eu, na medida em que profiro o ato analítico, devo advir.

Como tratar, então, essa função *desejo do analista* na psicanálise com crianças? Haveria uma especificidade nessa função desejo do analista?

A posição do psicanalista que trabalha com crianças não é tão circunscrita como a clínica com adultos. A prática psicanalítica com crianças oferece uma especificidade que não pode ser desconsiderada. Uma primeira questão que se coloca é que uma criança não procura, por si só, um analista. É pelas mãos de um outro que ela é levada à análise. Esse outro, geralmente os pais, ao nos trazerem a criança, trazem-nos também a sua queixa, um quadro sintomático que os perturba, angustia e faz sofrer. Mas sabemos também que, o que se configura na análise como uma questão para a criança, não coincide, necessariamente, com a queixa dos pais.

O que pode o analista fazer diante de tal particularidade – a presença dos pais?

Na psicanálise com crianças, “o analista trabalha com várias transferências”, (Mannoni, 1980, p. 97) de vários sujeitos, pois os pais de certa maneira estão sempre implicados no sintoma da criança. E não somente os pais, mas, também, os avós.

Assim, na psicanálise com crianças, o analista escuta a criança, pois é ela o sujeito em análise, mas nem por isso, não está atento à fala dos pais. Escutá-los faz parte do manejo da transferência, na sustentação da análise da criança.

No entanto, cabe ressaltar que, escutar os pais não significa escutar a história contada, como uma anamnese da criança, como se essa fosse a sua verdade. Se o sintoma pode ser referido como uma satisfação substitutiva referida a uma outra cena, imaginariamente infantil, qual é o infantil da criança a partir do qual se pode pensar a sua análise? A primeira cena, o infantil da criança, seu passado, está na pré-história do sujeito, ou seja, no discurso de seus pais, o que justifica, nos momentos de impasse, a importância do discurso dos pais no trabalho analítico com a criança. Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”, Lacan aborda esta questão afirmando que a história de um indivíduo já começa na sua pré-história, a partir de um desejo não-anônimo, que irá sustentá-lo no decorrer da vida. Afirma que:

antes de existir em si, por si e para si, a criança existe para e por outrem: já é um pólo de expectativas, projetos e atributos... Um pólo de atributos, eis o que é o sujeito antes de seu nascimento... de atributos, isto é, de significantes mais ou menos ligados num discurso....

Portanto, trata-se de escutar em que lugar a criança está situada na fantasia do Outro, em que lugar a criança está situada no desejo dos pais, no discurso que estes mantêm sobre ela.

É a partir do manejo da transferência com os pais e com a criança e do desejo do analista que o enigma que se apresenta na busca da análise para uma criança poderá se transformar em questão de um ou mais sujeitos.

O dever ético do analista é o da escuta atenta ao que está em questão no tipo de demanda que lhe chega. Interrogar se a criança está incomodada com aquilo que se queixa dela é um primeiro passo para avaliar ou não uma psicanálise. Acolher uma criança na clínica quando ela não tem qualquer implicação com as questões que o Outro traz sobre ela é mantê-la no lugar de objeto e não de sujeito.

O caso do pequeno Hans é paradigmático da possibilidade de analisar uma criança. Freud escuta um sujeito que se manifesta em seus desenhos e relatos. Apesar da particularidade desse tratamento que foi conduzido pelo pai, a criança endereça seu sintoma, “sua bobagem”, ao professor Freud. Lacan afirma que Hans:

sabe muito bem o favor precioso que lhe é oferecido pelo fato de poder falar, e o sublinha incessantemente... (para Hans) ...não se trata apenas de falar, mas de falar a alguém...é nisso que consiste todo o

caráter precioso e eficaz da análise. Assim é essa primeira análise feita com uma criança.

No momento em que o analista é incluído no universo significante do analisando, quando a ele lhe endereça algo, o analista entra em jogo do lugar de *semblant*. O analista então, desprovido de significantes próprios, se empresta enquanto lugar, no qual o analisando depositará suas demandas. O vazio que o analista introduz – com seu silêncio, sua não-demanda, sua espera – vai confrontar a criança com um adulto que não é imperativo, que não ocupa a posição de mestre, que não lhe dá orientações, não ensina e não lhe pede nada. Isso tem um efeito apaziguador para a criança. A criança se depara com um Outro que não lhe deseja nada especial, apenas que persiga suas próprias questões a fim de desvelar o desejo o que a leva à retomada da construção da neurose infantil. Produz-se, então, algo novo e a criança se pergunta: “o que quer ele de mim?”

Bernardino (2004, p. 63) afirma que “esse novo abre a possibilidade, para a criança, de localizar seu desejo como podendo ser diferente do que interpretou como desejo do Outro, destacado deste”. A criança fica aliviada “do peso do gozo do Outro e pode largar seu sintoma e construir sua fantasia”.

É a partir desse lugar que o analista intervém no sentido de produzir uma mudança da posição subjetiva do sujeito em relação ao sintoma. Segundo Colette Soler trata-se de uma operação que vai do Real em direção ao Simbólico, ou seja, trata-se de propiciar que a criança passe da posição de objeto que ela foi chamada a ocupar na fantasia do Outro para o acesso ao seu desejo na condição de sujeito.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, L. *O umbigo do sonho – por uma prática da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BERNARDINO, L. *Psicanalisar crianças: Que desejo é esse?* Salvador: Ágalma, 2004.

COSTA, T. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREUD, S. (1930). “El malestar en la cultura”. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1980, v. XXI.

FINK, B. *O sujeito lacaniano; entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

JORGE, M. *Sexo e Discurso em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan – As bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, v. 1

LACAN, J. (1956-57). *O Seminário: livro 4. A Relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958). “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959) *O Seminário 7: a ética da psicanálise*. Zahar. Rio de Janeiro, 1997.

_____. (1964) *O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar. Rio de Janeiro, 1979.

_____. (1970) *O Seminário 17: o avesso da psicanálise*. Zahar. Rio de Janeiro, 2002.

_____. “Televisão”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1968). “Alocução sobre as psicoses da criança”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MANNONI, M. *A criança, sua “doença” e os outros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

MAURANO, D. *A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NOMINÉ, B. “O que me ensinam as crianças e seus psicanalistas: proposta para uma direção da cura”. In: *Revista Carrossel, A criança-sintoma*, nº 1. Centro de Estudos e Pesquisa de Psicanálise e Criança, Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, 1997.

QUINET, A. *As 4+1 condições de análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

RINALDI, D. “Ética e desejo: da psicanálise em intensão à psicanálise em extensão”. In: *Papéis* – Revista do Corpo Freudiano. Rio de Janeiro, dez. 1997.

THE ANALYST'S DESIRE AND THE PSYCHOANALYTICAL CLINIC WITH CHILDREN

ABSTRACT:

The present article is a reflection on the desire of the analyst on the clinical psychoanalysis with children, where the desire of the analyst is understood as a transference device, central element of the treatment's direction and the end of the analysis. The analyst's desire is a “warned desire”, that does not aim happiness, which those analyzed wish for themselves. In accordance with the psychoanalysis ethics, described by Freud in *The Malaise in Culture* and by Lacan in *the Seminar, Book 7 Psychoanalysis Ethics*, we need to go beyond symptoms via fantasy. Happiness presumes the existence of the Supreme Goodness, but the analyst knows that he does not possess this Goodness, and also knows that this Goodness does not exist. From these reflections, this article discusses if there is specificity of the function of the analyst's desire in the clinical psychoanalysis with children.

KEYWORDS: Analyst's desire - treatment direction - end of analysis - psychoanalysis with children

LE DÉSIR DE L'ANALYSTE ET LA CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE AVEC LES ENFANTS

RÉSUMÉ:

Cet article s'agit d'une réflexion sur le désir de l'analyste dans la clinique psychanalytique avec des enfants, en se comprenant comme désir du psychanalyste un dispositif du transfert, élément central de la direction du traitement et de la fin d'analyse. Le désir de l'analyste est le « désir empêché », qui ne vise pas le bonheur, ce que ceux qui l'analysent exigent pour soi. Conformément à l'éthique de la psychanalyse, décrite par Freud dans *La Malaise à la Culture*, et par Lacan dans *Le Séminaire, le livre 7, l'éthique de la psychanalyse*, il faut aller au-delà des symptômes, par la voie de la fantaisie. Le bonheur suppose l'existence du Bien Suprême, mais l'analyste sait qu'il ne possède pas ce Bien, et sait également que ce Bien n'existe pas. À partir de ces réflexions, cet article discute s'il y aurait une spécificité de la fonction désir de l'analyste dans la clinique psychanalytique avec des enfants.

MOTS-CLÉS: Désir de l'analyste - Direction du traitement - Fin de l'analyse - Éthique - Psychanalyse avec des enfants

Teresinha Costa

Recebido em 15/10/2009

Aprovado em 17/11/2009

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista